Confissão d'uma varina

Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 5

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCI00048.05

Control Number: BBP-8714
OCLC Number : 07509799
Call Number : W 381.5698 P8382 no. 5
Title : Confissão d'uma varina : seguida d'uma cantiga para fado, A vida da peixeira / por um moço de padeiro.
Imprint : Lisboa : Livraria popular de Francisco Franco, [188-?]
Format : 8 p. ; 18 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: AR

BIBLIOTHECA POPULAR

N.º 5

CONFISSÃO D'UMA VARINA

SEGUIDA D'UMA CANTIGA PARA FADO

A VIDA DA PEIXEIRA

POR

Um moço de padeiro



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

CONFISSÃO D'UMA VARINA

Varina. — Oh! *Manél, abia te, home,* que o senhor prior já lá *débe* estar na *ingreja* á nossa espera.

Varino. — *Más raios* partam os demos dos collarinhos, estão tezos como um *chabêlho.*

*Var.*ª — Tem paciencia, *home* de Deus, isto é uma vez no anno.

*Var.*º — Mas o demo da confissão não tem o mesmo *balor* se a gente fôr sem collarinhos?

*Var.*ª — Não. A *ingreja* é a casa do Senhor e então a gente não *débe* ir para lá como *andemos* em nossa casa.

*Var.*º — Pois bem, mas eu é que não me *agêto* com estes malditos *taipaes,* parece que ando afogado.

*Var.*ª — *Bamos* lá, anda.

*Var.*º — Pois bamos lá.

E pozeram-se a caminho da freguezia. Ahi chegados, o Manél tomou logar aos pés do prior, velho rabujento e perguntador como todos os demonios, e a Maria foi joelhar-se perante o cura, rapagão forte e bem parecido que bem demonstrava nos grandes olhos negros o calor que lhe ia lá por dentro.

Padre. — Benza-se minha santinha, disse elle á varina.

Ella obedeceu, mas com a mão esquerda.

Pad. — Não, não é com essa mão que se deve benzer.

Var. — Ai senhor confessor eu cá sou canhóta; co'a direita não tenho geito para nada.

Pad. — Bem, reze a confissão... Já rezou? Agora vamos ao que importa. Manda a Santa Madre Egreja no seu primeiro mandamento que se ame a Deus sobre todas as cousas. Tem cumprido este mandato?

Var. — Ai meu Senhor eu não sei *vem* se tenho *fêto* a minha obrigação como deve ser, mas não se passa um dia que eu não reze alguma cousa ó Pae do Céo, agora amal-o *sôvre* todas as cousas isso é que está-se nas tintas; *primêro* está o meu Manél

Pad. — Segundo, não jurar o seu santo nome em vão. Tem jurado falso?

Var. — Uma unica *bez.* E essa mesma foi, como o *oitro* que diz, sem querer.

Pad. — Mas jurou?

Var. — Jurei, jurei ser fiel ao meu *home,* mas há casos que podem mais que as leis...

Pad. — Trataremos d'esse assumpto mais logo. Terceiro, guardar domingos e festas de guarda. Tem faltado alguma vez a ouvir missa.

Var. — Não senhor. Quasi todos os domingos vou á *ingreja,* mas quando falta o meu *home* encarrega-se de me fazer *oibir* missa cantada, sem lhe faltar o seu competente *sermão*...

Pad. — Ah! elle ralha-lhe?

Var. — Muito, senhor cura.

Pad. — E tem razão para o fazer?

Var. — Eu parece-me que sim.

Pad. — E porquê?

Var. — Porque já me encontrou uma *bez* a dar á taramella com o *Vento* padeiro.

Pad. — Adeante. Quarto, honrar o pae e a mãe. N'este ponto de que tem que se accuse?

Var. — Lá n'isso sou eu uma santa. Nem meu pae nem minha mãe teem razões de queixa a esta parte. Quando era mais *nóva* dava-lhe ás *bezes* trabalhinho porque muitas *bezes* lhe fugi para ir ter com o meu Manél.

Pad. — Quinto, não matar. E' preciso que lhe diga que não só com a acção se offende a Deus, muitas ve-

zes o pensamento é muito mais culpavel do que a acção. Ora diga-me; já pensou alguma vez em matar alguem?

Var. — Ai, não senhor, eu não desejo a mórte a *ninguen*. Elle é verdade que quando o meu *home* me chega mais forte fico-lhe assim com a minha asca, mas lá desejar-lhe a mórte, isso não *cotadito*. Tenho *matado* muita gente, mas isso é com outra *cólidade* de morte... Sim o senhor padre *vem* me intende...

Pad. — Entendo, entendo; e avanso mais; desejava ser uma das tuas victimas...

Var. — Isso sei eu, não me dá *nobidade* nenhuma. Elle é *vem* máu.

E o padre já todo *esperançoso* passava a mão pelo rosto da Mariquinhas.

Pad. — Vamos adeante. Sexto, guardar castidade. Aqui é que bate o ponto. Vamos a ouvir o que tem feito.

Var. Ai senhor padre, eu não sei se me *atreba*...

Pad. — Diga, diga. Ao confessor não se occulta o mais horrendo peccado que seja.

Var. — Pois então lá *bai*. Eu quando casei não *bia oitra* cousa que não fosse o meu Manel, porém elle com a sua rabuge fez-me zangar e eu *boltei-me* para *oitro*. Este tambem não era nada macio e então *prescurei oitro*. Assim andei por muito tempo sempre a mudar d'*home* mas não mudando nunca de sorte. Dei então umas passeatas pelas ruas da baixa e como encontrasse diversos figurões que me faziam a côrte, comecei a tomar a gosto ao amor... Ao principio ainda, ainda; mas agora, agora já não tenho mãos a medir... E' mais a mim, mais a mim.

Pad. — E dá-se bem com isso?

Var. = Podéra. Não há *home* nenhum que tenha *corage* de tratar mal uma mulher quando ella seja como eu. Sim, parece-me que não sou das peores...

Pad. — Oh! não com certeza. E' até das melhores. E segurando-lhe a cabeça, beijou-a no rosto.

Var. — Vê? Até o *seu* padre-cura não faz *ceremoina.*

Pad. — Oh! filha, os beijos de um padre não são como os dos outros homens. O osculo do padre é sagrado e não contém nunca a vil peçonha da sensualidade.

Var. — E foi para me santificar que me beijou?

Pad. — Certamente. A carne é fragil, filha e tu és uma grande peccadora...

Xar. — Pois se não *tibesse* peccados não me *binha* confessar. Mas eu gostava de *ber* o senhor cura no meu logar para *ver* se *tamvem* peccava ou não.

Pad. — Crédo, Deus me deffenda de tal. Mas vamos adeante. Setimo, não furtar. Tem furtado alguma cousa a alguem?

Var. — Furtei uma *bez* o marido a uma amiga minha. Mas não foi por mal, elle é que *tebe* a culpa... Na *benda,* se posso palmar o meu *bintem* ou impingir algum macanjo nunca me faço rogada. São segredos do *oificio.*

Pad. — Pois sim, mas isso é contra a lei do Creador.

Var. — Ora adeus, a gente sem *bintem* é que se não *goberna.*

Pad. — Não tem mais nada que dizer?

Var. — Ah! tenho, tenho. *Agoira* me *lemvra.* Uma *bez,* estando eu ali *prantada* á esquina do Rocio, appareceu-me um rapagão, assim pouco mais ó menos como o senhor cura. Eu encarei com elle e elle tambem me *dêtou* o rabinho do olho.

Pad. — Estava-a namorando!

Var.— Exactamente, *estaba-me* namorando. Vae depois o tal moço *arrima-se* a mim e *combida-me* para tomar alguma cousa, eu acceitei, porque não *andaba* lá muito farta de *vevidas* finas e lá fomos *anvos* para

uqaelle *caféi* que há logo ó principio da rua do Amparo.

O padre deu um salto na cadetra porque se recordou de qualquer cousa que havia a contecido.

Var. — Entrámos lá para o *gavinete secréto* e elle pediu que lhe *trouvessem chicolate* e *volicos.* Vae eu que sou muito gulosa atirei-me aos *vôlos* como uma danada. O tal sujeito só tomou *chicolate* e com muito pouco assucar. *Povre home* quando hoje me *alemvro* da partida *inté* tenho dó d'elle.

Pad. — Sim! porque fez-lhe alguma cousa que elle não gostasse?

Var. — Lá se elle gostou ó não, isso é que eu não sei, porque nunca mais lhe tornei a pôr as vistas *im riba.*

Pad. — Como foi então isso?

Var. — Ora o sujeito não me *lebaba* aquella casa só com *álembrança* de me pagar aquellas *vevidas.* Sim... queria mais alguma cousa... E ó *dipois* de eu *le* ter papado os *vôlos,* deu me um *bêjo*, Vae eu deixei. Depois *atrebeu-se* mais um poucochinho e n'essa occasião eu que não sou nada tôla bifei-lhe a corrente e o relogio que eram d'oiro.

Pad. — Oh! que grande peccado! E elle não se zangou?

Var. — Qual *histoira.* não deu por isso e no fim inda me fez *áquella* d'este annelico que eu aqui trago.

O padre, como movido por uma móla, levantou-se e exclamou n'um tom que não tinha nada de satisfeito.

Pad. — Póde-se ir embora, está absolvida.

Var. — Mas oiça o resto que é bom.

Pad. — Não é preciso, não é preciso. Póde-se retirar.

A varina então, beijou-lhe ambas as mãos com muita reverencia e chegando-se ao marido que a esperava disse-lhe:

Var. — Bamos *imbóra* anda. Já estou despachada.

O padre assim que a viu pelas costas, mordeu os labios e exclamou muito irado:

Pad. — E não ha um policia caridoso que ferre com esta ladra no aljube! Que bello relogio era aquelle que ella me palmou.

A VIDA DA PEIXEIRA

MOTTE

Com a giguinha a pingar
Vive sobre triste jugo
Altercando co'as creadas
E escamando o seu besugo.

GLOSA

Tem a côrte dos janotas
Que lhe fazem rapapés
Porém ella calca a pés
Suas promessas idiotas
Apregoando marmotas
Mui vivas e a saltar
Procura assim pão ganhar
P'r'á familia que átanaza
E recolhe sempre a casa
Com a giguinha a pingar.

Se teem o seu conchego
E' quasi sempre um padeiro
Filho d'Ovar, ou d'Aveiro,
E muitas vezes gallego
Se casam p'ra ter socego
Teem marido verdugo
E assim pois são o refrego
Da mais infeliz casada
Porque a varina coitada
Vive sobre triste jugo.

Seu pregão é mui trinado
E o seu estylo nada máu
Quer off'reçam carapáu
Camarão... ou lingnado...
Seu trajar é invejado
P'las senhoras delicadas
Porém ellas, descuidadas
Lá vão suportando a lida
Passando parte da vida
Altercando co'as creadas.

Tambem em dias de pret
Lá vão até aos quarteis
E a troco d'alguns dez réis
Ouvem muito rapapé
Mas a que mui esperta é
Livra-se bem d'esse jugo
Porque foge ao seu verdugo
Largando-lhe umas gracinhas
Fazendo-lhe umas fosquinhas
E escamando o seu besugo.